

Valfando de Gusmão

Esta é a história de alguém que nunca quis a sua história contada, era ele Valfando de Gusmão. Embora vivesse como um boémio e despreocupado de todos os seus deveres, ele era um herdeiro rico de província que há alguns anos vivia pelos salões da capital e, nos serões entre amigos, que tanto lhe agradavam, onde jorravam o *champagne* e as críticas sociais, declamava Baudelaire e, para abalroar as expectativas das senhoras que persistentemente continuavam a marcar presença naquelas tertúlias, descrevia as experiências de Sade, chegando a comparar as damas com *Justine* e *Juliette*.

Provocava o horror geral de dentro da sua quinzena preta, quando atirava para o chão da rua o charuto ainda a arder e a escarrada precedida de tosse. O seu cabelo penteado para trás dividia-se a meio da cabeça, e no auge do nervoso discurso dado na taberna *Esperança*, quase todas as noites, os pêlos dianteiros caíam-lhe sobre a grossa armação dos óculos, muito pouco ao gosto da época. Se os plenários filosóficos se não realizassem na casa do Dr. Guilherme Vaz, era naquela pequena taberna que Valfando reunia os seus correligionários, onde sentados em toscos bancos de pinho, com grandes taças de vinho na frente e livros, ensaios, e monografias debaixo do braço, apontavam à vez o barroco que deveria falar. A idade avançada, de sessenta e sete anos, não o impedia de entre aquele amalgamento de pensadores ser o mais alvoroçado e confiante na oratória. Lembro-me perfeitamente de uma noite de Domingo, passava um quarto das vinte e duas horas, quando estava eu, o Dr. Guilherme, um outro filósofo, Rui do Carmo, e o Marialva sentados numa mesa da *Esperança*, estando noutra uma banda igualmente metafísica, todos aguardando Valfando. Lá chegou passada meia hora, bêbado, com a gravata desapertada e assobiando umas notas sem musicalidade alguma. Afirmava ter estado no Lumiar, com uma senhora que insistira perseverantemente na sua presença.

Deve o meu caro leitor estar a perguntar-se o porquê deste aristocrata, outrora polido e compassado, ser agora um desnorteado e, por vezes, bruto pensador. A razão, não lha dou sem antes lhe perguntar se conhece a história da bela Camila de Sá. Conhece-a? Mais não seja, pela lenda que a sua venustidade gerou. Se sim, ótimo. Valfando amava-a profundamente. Mas isto há quê? Quarenta anos? Quarenta anos, sim. Note o senhor leitor que depois de tanto tempo ainda perdurava no coração do filósofo o amor por Camila. E

como podia não perdurar? Os seus cabelos ruivos comparar-se-iam somente com os de *Eos*, na *Aurora* de Bouguereau, e os seus olhos azuis eram doces e serenas águas cristalinas. Era para ele o mais perfeito cenário de graça. Morreu repentinamente num dia de tristeza infinita, que ao amanhecer ditava a felicidade futura dos dois apaixonados. Fosse essa, talvez, a entrada para um mundo de deidades ao qual aparentemente pertencia. Mas não lhe consigo descrever o transtorno de Valfando depois da morte de Camila. Refugiou-se no solar da família no norte do país, passando os dias numa viciosa competição contra ele próprio, testando a rapidez com que adormecia depois de múltiplas garrafas de vinho. Costumava ganhar!

Voltou para Lisboa depois de dezassete anos de um miserável luto, durante o qual saiu da província meia dúzia de vezes para ir a Coimbra – sentia na altura falta do culteranismo que rodeava a capital. Arranjou um apartamento não muito longe do Rossio, e tem vindo desde então a trabalhar para o seu fim, por ruelas estreitas e de presenças duvidosas e tascas e tabernas, guardando somente o serão de Sexta-feira para cumprir o convívio na casa do bom doutor. Mas foi nesse mesmo Domingo que, ébrio e desconsolado, Valfando entrou no que nós pensámos ser delírio. Achámos por bem deitá-lo num canapé velho que havia na cozinha da taberna e ele começou a murmurar:

“Sabem? Deus criou a mulher para que o mais santo dos homens conhecesse o Inferno e o mais pecador conhecesse o Paraíso. A cada vez que penso nela, assombram-me lembranças das novas sensações, das novas cores, dos novos sabores e das novas verdades que descobri ao seu lado.

Eu vi-a a primeira vez ali nos jardins da Ajuda, num dia solarengo de Março: ela vestia de branco, um vestido rendado, e usava um chapeuzinho de palha com aba larga e uma fita violeta. Mandei imediatamente parar a tipóia! Pedi ao cocheiro um pedaço de papel onde escrevi um verso aflito devido à pressa, contudo, digno de se lhe entregar. Encarreguei o trintanário de que o fizesse. O catraio atravessou a estrada num ímpeto movimento e saltou inadvertidamente rasgando duas pequenas magnólias que ali havia, tal era o desejo aos cinco réis que lhe prometi! Ela aceitou o bilhete e leu-o vagarosamente. Nem eu me lembro bem do que senti quando vi a sua face carminar. “*Os teus olhos, Senhora, fazem os meus chorar/ Pela infinita tristeza de te não poder beijar!*”. Fui talvez demasiado arrojado. Apeei-me quando vi que ela se começava a afastar. Não fui a tempo. Ela entrou numa *charrette* e seguiu tapada abaixo

sem esperar um aceno meu, nem responder às minhas palavras. A bem dizer, eu contei aquele rubor e aquele sorriso roubado como uma muito venturosa resposta.

Achei que sob aquele Sol primaveril seria bom deixar a cidade e fui passar duas semanas a casa do meu primo, o Morgado e Souza, ali perto de Peniche, sempre sem tirar da cabeça a imagem daquela bela jovem misteriosa. Aquele ar, nada seco mas na mesma estranho à época, acirrava à tranquilidade dos passeios pelos vergéis na parte de trás do casario, pelo qual se compunham calçadas que o atravessavam, já arranjadas com bancos e candeeiros.

Estava já em Peniche havia oito dias, sendo que tudo se passou bem ao jeito de Peniche, quando uma tarde me lancei numa passeata pela praia, onde esperava que a maior surpresa fossem os pingos da chuva já agoirados pelos pescadores, voltei a encontrar aquela presença que tanto me intrigou lá na tapada. Trajava agora uma peça de linho azul, calçava umas luvas rendadas, e no cabelo trazia preso por um alfinete de ouro um pequeno arranjo de flores de amendoeira, laçadas por cetim branco – que delicada e possante menina. Vinha acompanhada pela irmã, a Madalena, da qual ouvi primeiramente o nome daquela que vi corar no jardim: “Não te aproximes tanto da água, Camila!”. Havia de arranjar maneira de lhe falar. Tirei o chapéu e, como quem é distraído, atirei-o ao vento que se encarregou do resto. O pobre do meu chapéu foi parar aos pés descalços de Camila que, recolhendo-o, cedendo à sua alma jovial e espontânea, o arranjou com as flores que trazia à cabeça e fez dele, seu. Aproximei-me: “A menina desculpe, mas esse chapéu é meu.”. A sua resposta não podia ter sido mais inesperada: “Não o quer partilhar por um pouco? Só até a arriba.”. “Camila, não sejas insolente!” – advertia Madalena. “Se me acompanhar, consinto!”. Deu-me o braço e, enquanto Madalena voltava pra trás, rindo, seguimos pela praia conversando. Quase que escusámos apresentações: tudo fluía naturalmente, e é tão bom quando a natureza das coisas intervém. Adiei a ida para Lisboa por mais uma semana e durante esses dias passeamos pelo farol e pelos pomares do primo Souza que pareciam atraí-la também.

O regresso à metrópole era inevitável, e os boatos precederam a nossa chegada, tanto que passámos semanas na berlinda. Noivámos em Julho, no salão de baile do Palácio do Viridário, casa ancestral da família Sá, perfeito lar para Camila, ela mesma um jardim.

Divertíamos-nos muito, adorávamos rir, e acho que isto diz tudo sobre o que éramos juntos.”

Adormeceu. Nunca nós, sempre presentes desde há mais de vinte anos, havíamos ouvido esta história com tanta serenidade e paixão, que só por si justifica os quarenta anos de penitência que Valfando fez. “Quando uma vida perde o lastro e é obrigada a penar por quarenta anos, só e atormentada, é tudo muito triste!” – comentou o Marialva, levando à boca o último gole de aguardente. “Ele amava-a, meu caro. Nada de triste surge do amor quando este é verdadeiro!”